

GEORGE
ORWELL

1984

ILUSTRAÇÕES de Tayrine Cruz
TRADUÇÃO de Ronaldo Bressane



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023



1984

Copyright © 2023 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.
ISBN: 978-85-7881-700-8

Translated from original Nineteen Eighty-Four. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2023 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79m	Orwell, George
1984 / George Orwell. - Rio de Janeiro : Tordesilhas Fabulous Classics, 2023.	
320 p. : il. ; 15,4cm x 23cm.	
ISBN: 978-85-7881-700-8	
1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Título	
2023-1602	CDD 823.91 CDU 821.111-3

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-89410

Índice para catálogo sistemático:

- Literatura inglesa : Ficção 823.91
- Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.



Produção Editorial

Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial

Anderson Vieira

anderson.vieira@altabooks.com.br

Editor

Ibraima Tavares

ibraima@alau.de.com.br

Rodrigo Faria

rodrigo.fariaesilva@altabooks.com.br

Vendas ao Governo

Cristiane Mutus

cristimutus@alau.de.com.br

Gerência Comercial

Claudio Lima

claudio@altabooks.com.br

Gerência Marketing

Andréa Guatiello

andrea@altabooks.com.br

Coordenação Comercial

Thiago Biaggi

Coordenação de Eventos

Viviane Paiva

comercial@altabooks.com.br

Coordenação ADM/Finc.

Solange Souza

Coordenação Logística

Waldir Rodrigues

Gestão de Pessoas

Jairo Araújo

Direitos Autorais

Raquel Porto

rights@altabooks.com.br

Assistente da Obra

Mariana Portugal

Produtores Editoriais

Illyabelle Trajano

Maria de Lourdes Borges

Paulo Gomes

Thales Silva

Thiê Alves

Equipe Comercial

Adenir Gomes

Ana Claudia Lima

Andrea Riccelli

Daiana Costa

Everson Sete

Kaique Luiz

Luana Santos

Maira Conceição

Nathasha Sales

Pablo Frazão

Equipe Editorial

Ana Clara Tambasco

Andreza Moraes

Beatriz de Assis

Beatriz Frohe

Betânia Santos

Brenda Rodrigues

Caroline David

Erick Brandão

Elton Manhães

Gabriela Paiva

Gabriela Nataly

Henrique Waldez

Isabella Gibara

Karolayne Alves

Kelry Oliveira

Lorrahm Candido

Luana Maura

Marcelli Ferreira

Marlon Souza

Matheus Mello

Milena Soares

Patrícia Silvestre

Viviane Corrêa

Yasmin Sayonara

Marketing Editorial

Amanda Mucci

Ana Paula Ferreira

Beatriz Martins

Ellen Nascimento

Livia Carvalho

Guilherme Nunes

Thiago Brito

Atuaram na edição desta obra:

Tradução

Ronaldo Bressane

Copidesque

Fernanda Cosenza

Revisão Gramatical

Audrya Oliveira

Laura Folgueira

Maria Carolina Rodrigues

Diagramação

Rita Motta

Ilustração e Capa

Marcelli Ferreira

Ilustração

Tayrine Cruz

Editora
afiliada à:



ASSOCIADO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

SUMÁRIO



Parte 1, 2

Parte 2, 94

Parte 3, 208

Apêndice, 276

Notas na Sala 101, *por Ronaldo Bressane*, 290

Sobre o Autor, 301





PARTE 1





1

Fra um dia frio e brilhante de abril, e os relógios davam 13 horas. Winston Smith, o queixo aninhado no peito com o esforço de escapar do vento cruel, deslizou rápido pelas portas de vidro das Mansões Victory, mas não rápido o suficiente para evitar que entrasse com ele um redemoinho de poeira arenosa.

O corredor cheirava a repolho cozido e a capachos velhos. Ao fundo, um pôster colorido e grande demais para ser exibido em ambientes internos tinha sido pregado na parede. Retratava só um rosto enorme, de mais de 1 metro de largura: o rosto de um sujeito de uns 45, bigode preto pesado, um cara bonito. Winston foi pela escada. Nem adiantava tentar o elevador. Mesmo nos melhores momentos era raro ele funcionar; hoje em dia, a corrente elétrica era cortada enquanto houvesse luz natural. Parte do esforço de economia devido à preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha trinta e nove anos e uma úlcera varicosa no tornozelo direito, subia sem pressa, descansando muitas vezes pelo caminho. A cada patamar, em frente ao poço do elevador, o pôster com o rosto enorme o encarava da parede. Era uma daquelas fotos que passam a impressão de que os olhos o seguem enquanto você se move. O IRMÃO MAIOR ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia a legenda.

Dentro do apartamento, uma voz gostosa enumerava estatísticas que tinham algo a ver com a produção de ferro-gusa. A voz vinha de uma placa metálica oval e comprida, como um espelho embaçado, colada à superfície da parede direita. Winston virou um interruptor e a voz diminuiu um pouco, mas ainda dava para entender as palavras. O volume do aparelho – a teletela – podia ser abaixado, mas não desligado. Ele foi até a janela: uma figura pequena e frágil, a magreza do corpo enfatizada pelo macacão azul – o uniforme do Partido. Tinha o cabelo muito claro, o rosto bem avermelhado, a pele enrugada pelo uso de sabão áspero e navalhas cegas e pelo frio do inverno que terminava.



Lá fora, mesmo através da vidraça fechada, o mundo parecia gelado. Na rua, pequenos redemoinhos de vento faziam poeira e papel rasgado rodopiarem em espirais, e embora o sol seguisse brilhando no céu de um forte azul, nada parecia ter cor, tirando os cartazes colados em todo canto. De todo lugar de destaque, lá estava o rosto bigodudo olhando para baixo. Havia um na fachada da casa logo em frente. O IRMÃO MAIOR ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, era a legenda, e os olhos escuros se cravavam fundo em Winston. No nível da rua, outro pôster, rasgado num canto, tremulava ao vento, alternadamente cobrindo e descobrindo uma única palavra: SOCING. Ao longe, um helicóptero flanava baixo sobre os telhados, pairou um instante como uma mosca varejeira e então zarpou fazendo uma curva. Era a patrulha policial bisbilhotando as janelas das pessoas. Mas as patrulhas não eram um problema. O problema mesmo era a Milícia Mental.

Por trás de Winston, a voz da teletela continuava tagarelando sobre o ferro-gusa e o cumprimento do Nono Plano Trienal acima das expectativas. A teletela recebia e transmitia ao mesmo tempo. Qualquer som que Winston fazia, mesmo no volume de um sussurro, era captado por ela; além disso, se ele permanecesse dentro do campo de visão enquadrado pela placa de metal, podia ser visto também. Claro que não tinha como saber se você estava sendo observado em um momento específico. A frequência com que a Milícia Mental sintonizava num aparelho e como fazia isso eram só suposições. Era até possível que eles observassem todo mundo o tempo todo. De qualquer forma, podiam sintonizar no aparelho que quisessem. Você tinha que viver – e vivia, pois o hábito virava instinto – supondo que todo som que fazia era ouvido e, exceto na escuridão, todo movimento era examinado.

Winston continuava de costas para a teletela. Era mais seguro; só que, como ele sabia bem, até as costas podiam ser reveladoras. A 1 quilômetro de distância, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, despontava vasto e branco acima da paisagem encardida. Isso, ele pensou, numa espécie de desgosto vago, isso era Londres, a principal cidade da Faixa Aérea Um, a terceira mais populosa das províncias da Oceânia. Tentou espremer alguma memória da infância para investigar se Londres sempre tinha sido assim. Será que sempre tinha existido essa paisagem de casas podres do século XIX, paredes laterais escoradas em vigas de madeira, janelas remendadas com papelão, telhados de ferro corrugado, divisórias aleatórias de jardim despencando pra todo lado?

E os locais bombardeados onde o pó de gesso dançava no ar e a salgueirinha se espalhava pelas montanhas de entulho; e os lugares em que as bombas abriram grandes clareiras onde apareceram sórdidas colônias de barracões que pareciam galinheiros? Não adiantava, ele não conseguia lembrar: nada tinha restado da infância, a não ser uma série de quadros muito iluminados, sem perspectiva, ininteligíveis.

O Ministério da Verdade – Miniver, em falanova – era, para surpresa geral, bem diferente de qualquer outro objeto à vista. Uma enorme estrutura piramidal de concreto branco brilhante que se elevava, em uma série de varandas, a uma altura de 300 metros. De onde Winston estava, só dava para ler na fachada branca, destacados em letras elegantes, os três slogans do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

Dizia-se que o Ministério da Verdade continha 3 mil salas acima do nível do solo e ramificações correspondentes abaixo. Em Londres, só havia outros três edifícios de aparência e tamanho semelhantes. Dominavam tão completamente a arquitetura ao redor que, do telhado das Mansões Victory, dava para ver todos os quatro ao mesmo tempo. Eram os edifícios dos quatro ministérios em que se dividia todo o aparato do governo. O Ministério da Verdade controlava as notícias, o entretenimento, a educação e as artes. O Ministério da Paz se ocupava da guerra. O Ministério do Amor mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Grandeza era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em falanova: Miniver, Minipaz, Minimor e Minigrande.

O Ministério do Amor era o mais assustador de todos. Não tinha janelas. Winston nunca tinha entrado no Ministério do Amor, nem se aproximado mais que uns 500 metros. Era um lugar impossível de entrar, exceto em negócios oficiais, e mesmo assim era necessário atravessar um labirinto de arame farpado emaranhado, portas de aço e ninhos camuflados de metralhadoras. Até as ruas que conduziam às barreiras exteriores eram ocupadas por guardas brutamontes em uniformes pretos, armados de cassetetes articulados.

Winston se virou de maneira abrupta. Compôs sua fisionomia com uma expressão de otimismo silencioso, a mais aconselhável quando de frente para a teletela. Cruzou a sala até a cozinha minúscula. Por ter saído do Ministério àquela hora, havia sacrificado o almoço na cantina e estava ciente de que não tinha comida em casa, a não ser um pedaço de pão preto que devia ser guardado para o café da manhã do dia seguinte. Tirou da prateleira um frasco de líquido incolor com um rótulo branco simples que dizia GIM VICTORY. Exalava um cheiro enjoativo e oleoso, como o de bebida de arroz chinesa. Winston encheu uma xícara de chá quase toda, respirou fundo e engoliu feito uma dose de remédio.

Na mesma hora seu rosto ficou vermelho, e lágrimas escorreram dos olhos. A coisa parecia ácido nítrico e, além disso, ao mandar para dentro, dava a sensação de tomar uma borrachada de cassetete na nuca. Porém, a queimação na barriga logo arrefecia e o mundo começava a parecer mais alegre. Puxou um cigarro de um maço amassado onde se lia CIGARROS VICTORY, mas, sem querer, segurou-o de ponta-cabeça, fazendo o tabaco se espalhar pelo chão. Com o cigarro seguinte teve mais sucesso. Voltou à sala de estar e sentou-se a uma pequena mesa do lado esquerdo da teletela. Da gaveta da mesa tirou uma caneta-tinteiro, um vidro de tinta e um grosso caderno em branco, de formato in-quarto, com lombada vermelha e capa marmorizada.

Por algum motivo, a teletela da sala ficava em uma posição incomum. Em vez de ter sido instalada, como de praxe, na parede ao fundo, de onde poderia dominar toda a sala, estava na parede mais comprida, frente à janela. Ao lado dela havia uma pequena cavidade onde Winston estava agora sentado; quando os apartamentos foram construídos, aquele nicho devia ter sido concebido para conter estantes. Sentado na cavidade e mantendo-se bem afastado, Winston conseguia se manter fora do alcance da teletela, ao menos no tocante à visão. Podia ser ouvido, claro, mas enquanto permanecesse naquela posição, não podia ser visto. Em parte, era a geografia incomum da sala que havia sugerido a ele o que estava prestes a fazer.

Mas aquilo também havia sido sugerido pelo caderno que tinha acabado de puxar da gaveta. Um caderno de beleza peculiar. Seu suave papel cor de creme, meio amarelado pelo tempo, era do tipo que não se fabricava havia uns quarenta anos. Poderia supor, no entanto, que o caderno era muito mais antigo do que isso. Tinha reparado nele jogado na

vitruve de uma lojinha suja em um bairro pobre da cidade (não lembrava bem que bairro agora) e fora atingido de imediato pela vontade irresistível de possuí-lo. Não era visto com bons olhos que membros do Partido frequentassem lojas comuns (“mercado livre”, dizia-se), mas a regra não era seguida estritamente, porque muitas coisas, como cadarços e lâminas de barbear, eram impossíveis de encontrar de outro jeito. Deu uma rápida olhada para cima e para baixo na rua e logo entrou e comprou o caderno por US\$ 2,50, ainda sem saber para que função específica o desejava. Levou-o para casa dentro da pasta, sentindo-se culpado. Mesmo sem nada escrito nele, era uma posse comprometedora.

O que estava prestes a fazer era começar um diário. Não que fosse ilegal (nada era ilegal, já que leis não existiam mais), mas se fosse pego era quase certo que seria punido com a morte ou, pelo menos, com vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados. Winston encaixou a ponta na caneta-tinteiro e a chupou para tirar a gordura. A caneta era um instrumento arcaico, raramente usada até mesmo para assinaturas, e ele tinha arranjado uma, de maneira furtiva e com muita dificuldade, só por sentir que o belo papel cor de creme merecia ser usado com uma caneta de verdade em vez de ser arranhado por um lápis de tinta. Na verdade, não estava acostumado a escrever à mão. Exceto por bilhetes muito curtos, era comum usar o ditafone, o que obviamente seria impossível para este propósito. Mergulhou a caneta na tinta e então hesitou um segundo. Um tremor percorreu suas entranhas. Marcar o papel era o ato decisivo. Escreveu em letras pequenas e desajeitadas:

4 de abril de 1984.

Recostou-se. Uma sensação de completo desamparo se abateu sobre ele. Para começar, não sabia com segurança se estava mesmo em 1984. Devia ser por volta dessa data, pois tinha quase certeza de que sua idade era 39, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas hoje em dia era impossível identificar uma data com exatidão no espaço entre um e dois anos.

Para quem, de repente lhe ocorreu, escreveria este diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua imaginação pairou por um momento em torno da data duvidosa na página e, em seguida, trombou com um termo em falanova: duplipensar. Pela primeira vez, a magnitude do que

estava empreendendo se voltava contra ele. Como alguém poderia se comunicar com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou o futuro seria semelhante ao presente, e nesse caso não lhe daria ouvidos, ou seria tão diferente que sua situação não faria sentido.

Por algum tempo, ficou estupidificado olhando para o papel. A programação da teletela havia mudado para uma estridente música militar. Curioso que ele parecia não só ter perdido o poder de se expressar, mas até mesmo ter esquecido o que pretendia dizer. Havia se preparado para este momento durante semanas e nunca lhe passara pela cabeça que seria necessário algo além da coragem. A parte da escrita seria fácil. Precisava apenas transferir para o papel o monólogo interminável e inquieto que rolava dentro da cabeça, literalmente, fazia muitos anos. Neste momento, entretanto, até o monólogo tinha secado. Além disso, sua úlcera varicosa começou a coçar de maneira insuportável. Não ousou se arranhar porque, se o fizesse, acabaria com uma inflamação. Os segundos foram passando. Ele não tinha consciência de nada, exceto do vazio da página diante de si, da coceira no tornozelo, da estridência da música e de uma leve zonzeira causada pelo gim.

De repente começou a escrever em puro pânico, só mais ou menos consciente do que fazia. A caligrafia miúda e infantil se espalhou pela página de cima a baixo, primeiro abandonando as letras maiúsculas e, depois, até mesmo os pontos finais:

4 de abril de 1984.

Ontem à noite peguei um cinema. Só filme de guerra. Um belo de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. O público se divertiu muito com as cenas de um homenzão gordo tentando nadar com um helicóptero atrás dele, no começo ele estava chafurdando na água feito um golfinho, depois você via o cara através das miras dos helicópteros, então ele apareceu cheio de buracos e o mar ao redor dele ficou rosa e ele afundou de repente como se os buracos fossem deixando a água entrar, a plateia gritando de tanto rir quando ele afundou. então se via um bote salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero pairando sobre ele. tinha uma mulher de meia-idade que podia ser judia sentada na proa com um garotinho de uns três anos nos braços.

o menino gritava de susto e escondia a cabeça entre os peitos dela como se estivesse tentando se enterrar dentro dela e a mulher colocando os braços em volta dele e confortando o menino embora ela mesma estivesse azul de medo, o tempo todo cobrindo o garotinho do jeito que dava como se pensasse que os braços fossem manter as balas longe dele. aí o helicóptero lançou uma bomba de 20 quilos entre eles um clarão terrível e o barco se partiu em mil pedacinhos. aí teve um quadro maravilhoso do braço de uma criança subindo subindo subindo até o ar um helicóptero com uma câmara no nariz deve ter seguido ele e teve muitos aplausos vindos dos assentos do partido mas uma mulher lá no meio dos proletas de repente começou a causar e gritar que não podiam mostrar isso na frente das crianças eles não podiam não tá certo não na frente das crianças não tá até que a polícia pegou a polícia pegou ela acho que não aconteceu nada com ela ninguém se importa com o que os proletas dizem reação típica de proletariado eles nunca...

Winston parou de escrever, um pouco porque sentiu cãibra. Não sabia o que o havia feito derramar essa torrente de lixo. Engraçado que, enquanto estava fazendo isso, uma outra memória se esclarecia em sua mente, a tal ponto que ele se sentiu quase a ponto de escrevê-la. Agora ele percebia que, por causa desse outro acontecimento, de repente tinha decidido voltar para casa e começar o diário naquele dia.

Tinha ocorrido aquela manhã no Ministério, se é que algo tão nebuloso poderia ser chamado de ocorrência.

Eram quase 11 horas, e no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, estavam arrastando as cadeiras para fora dos cubículos e agrupando-as no centro do corredor, de frente para a grande teletela, em preparação para os Dois Minutos de Ódio. Winston tinha acabado de pegar um lugar numa das filas do meio quando duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado, apareceram de surpresa na sala. Uma delas era uma garota que ele sempre via pelos corredores. Não sabia o nome dela, mas sabia que ela trabalhava no Departamento de Ficção. Ele supunha – já que às vezes a tinha notado com as mãos oleosas e carregando uma chave inglesa – que ela fazia algum trabalho braçal em uma das máquinas de escrever romances.

Era uma garota de aparência ousada, uns 27 anos, cabelos escuros, rosto sardento e movimentos rápidos e atléticos. Uma faixa estreita e

vermelha, emblema da Liga Mirim Antissexo, dava várias voltas na cintura de seu macacão, de maneira que evidenciava a forma de seus quadris. Desde o primeiro momento em que a viu, Winston não gostou dela. Sabia o motivo. Era por causa da atmosfera de campos de hóquei, de banhos frios e caminhadas comunitárias e de higiene mental que ela carregava. Ele não gostava de quase nenhuma mulher, em especial das jovens e bonitas. Eram sempre as mulheres, sobretudo as jovens, que eram as adeptas mais fanáticas do Partido, repetidoras de slogans, espãs amadoras e xeretas da heterodoxia. Mas esta garota em particular lhe dava a impressão de ser ainda mais perigosa que a maioria. Uma vez, quando se cruzaram pelo corredor, ela lançou um olhar rápido de soslaio que pareceu perfurá-lo e, por um instante, o encheu de terror. Passou-lhe pela cabeça que ela podia ser uma agente da Milícia Mental. Isso, na verdade, seria improvável. Mesmo assim, ele continuou a sentir um mal-estar peculiar, uma mistura de medo e hostilidade, sempre que ela estava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Núcleo do Partido e detentor de algum cargo tão importante e remoto que Winston tinha só uma vaga ideia de sua natureza. Um silêncio momentâneo atravessou o grupo de pessoas sentadas assim que viram a aproximação do macacão preto de um membro do Núcleo do Partido. O'Brien era um homem grande e corpulento, com um pescoço grosso, um rosto brutal e um jeito rude e fanfarrão. Apesar da aparência impressionante, ele até que exalava certo charme. Tinha um trejeito de ajeitar os óculos no nariz que era desconcertante – de uma maneira indefinível, parecia curiosamente civilizado. Era um trejeito que, se alguém ainda pensasse em tais termos, poderia lembrar um nobre do século XVIII oferecendo sua caixinha de rapé. Winston tinha visto O'Brien talvez uma dúzia de vezes na mesma quantidade de anos. Sentia-se atraído por ele de um jeito profundo, e não apenas porque o contraste entre o estilo urbano de O'Brien e seu físico pujante o intrigava. Era mais porque tinha uma crença secreta – talvez nem tanto uma crença, só uma esperança – de que a ortodoxia política de O'Brien não era perfeita. Algo em seu rosto sugeria isso de modo irresistível. E, de novo, talvez não fosse bem *heterodoxia* que estivesse estampada em seu rosto, mas simplesmente inteligência. De qualquer maneira, parecia ser uma pessoa com quem você poderia conversar, se achasse um jeito de enganar a teletela e de pegá-lo num momento a sós. Winston nunca havia feito o menor esforço para